

A REVISTA HOJE*

Jessica Nelson North

Ao retornar à ativa após cinco anos de ausência, fiquei impressionada principalmente pela contínua importância da revista em um mundo em guerra. O cataclismo, ao fechar tantos outros canais de expressão poética, direcionou o fluxo das águas à América — ao centro-oeste, à Chicago, à *Poetry*. Quão estranho é sentar a uma mesa organizada e segura em uma cidade ainda não bombardeada, e abrir envelopes de poetas nos fronts de batalha do mundo! Poemas e notícias de poetas geralmente vêm a nós agora através de canais desleais que trazem evidências de muita manipulação. Quem poderia receber tais documentos sem orgulho e humildade? E o orgulho, claro, é pela realização de estarmos lançando, em seu trigésimo primeiro ano, uma instituição necessária e insubstituível. A Europa, antes das luzes se apagarem, foi iluminada por vários grupos de brilhantes poetas. Na Espanha o regime de Franco estabeleceu um “esporão blindado” em uma das mais dinâmicas renovações do século. Na França todo um mundo literário foi eclipsado. Homens e mulheres que formaram núcleos de um broto de renascimento na Áustria e na Checoslováquia não foram inteiramente silenciados, mas estão amplamente dispersos sob condições de grande dificuldade. Poetas morreram ante esquadões de fogo; sofreram em campos de concentração ou passaram fome nas ruas. Alguns sobreviveram e nos enviaram seus poemas. Eles quase não têm outra maneira de serem ouvidos.

Estou impressionado, também, com a força da nova geração de escritores, quero dizer, aqueles que começaram a ser publicados nos últimos cinco anos. Eles refletem tão naturalmente o terror e a beleza de seu mundo. Parece que foi há pouco tempo que os líricos da década de 1920 se atrapalharam em direção a um idioma que deveria incluir alguns termos mecânicos. Um livro de MacKnight Black foi amplamente elogiado por dar um passo inicial neste sen-

* The magazine today. *Poetry*, v. LXI, n. 1, out. 1942. Tradução de Ibriela Berlanda Sevilla, Julia Magalhães de Oliveira e Laíse Ribas Bastos.

tido. Agora a juventude mundial sobe aos céus como um bando de pássaros e poetas os seguem, manuseando a temática das máquinas enquanto seus predecessores manuseiam o amor, a natureza e a morte. A arte adquiriu um novo destemor e um novo vocabulário. A nós é dito com frequência que os poetas estão de cinquenta a cem anos à frente de sua época. Muito melhor ser contemporâneo — pelo menos na dicção! Inspiração, ou o que quer que chame-mos a compulsão que produz poemas, certamente tomou todas as formas de *máh a máhi*. Um cético, ao ler todos os volumes de nossa revista do I ao LX pode concluir que não é possível estabelecer nenhum critério válido de excelência. O que era bom em 1914 não era nada em 1925. Claro que não. A boa poesia tem que refletir o tempo em que foi escrita. Esse é um padrão que podemos defender.

A existência da *Poetry* se estende neste quarto de século entre duas guerras. Os primeiros números apresentam grupos de poemas de guerra de Rupert Brooke, Siegfried Sassoon, Wilfrid Wilson Gibson, entre outros. Foi uma guerra grandiosa e comparativamente simples; produziu poesia grandiosa e simples. Notáveis, em retrospecto, são os temas de *pro patria mori*, honra e cavalheirismo. O espírito do comando está em falta. Nossos poetas modernos aprenderam sobre a dureza em uma guerra de extinção, e para seus espíritos duros eles encontraram uma linguagem. John Frederick Nims nos adverte, com ironia e arrependimento (julho, 1942):

Be hard; to win report and civic mention
Kick water from the teeth of dying men;
Brogan the wounded face, or never saunter
In innocent white through summer fields again.¹

Quando a Guerra acaba — quando ela está ganha — vagamente desejamos recuperar nossos velhos ideais em um mundo feito com segurança para os gentis, os românticos, os estetas. Se isso nunca acontecer, os poetas ainda assim continuarão, expressando seus novos mundos, enviando suas expressões à *Poetry*.

¹ Seja duro; para ganhar reconhecimento e menção cívica/ Chutar água dos dentes dos quase mortos;/ Calcar faces feridas, ou nunca mais caminhar/ Por alvos campos puros de verão novamente.